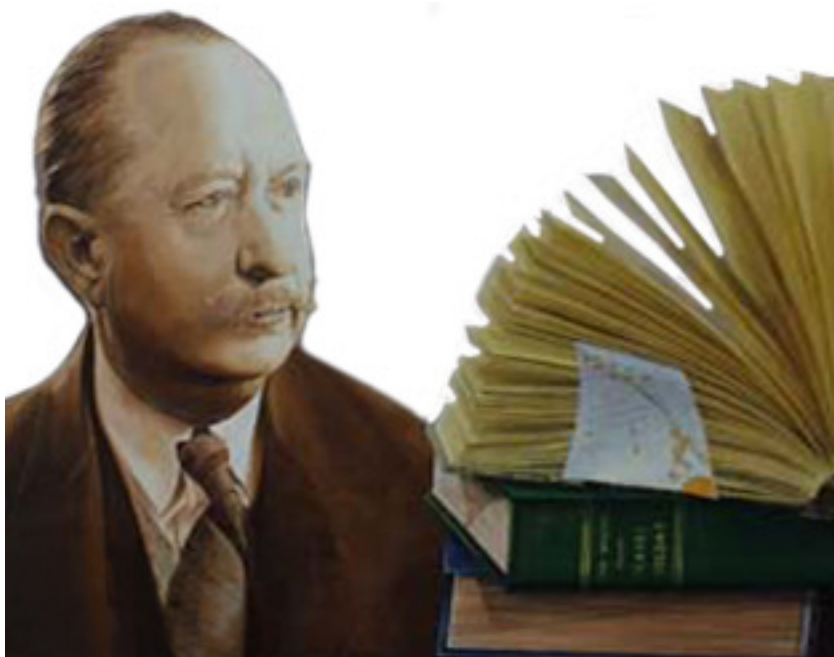


A escrita biográfica de Lucien Febvre: *ceci n'est pas une biographie?*



Mural Lucien Febvre em Saint-Amour/França, de Haut-les-murs, 2019, fotografia, montagem (detalhe).

Thaís França Guimarães

Doutoranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). guimaraesthaisf@outlook.com

A escrita biográfica de Lucien Febvre: *ceci n'est pas une biographie?*¹

Lucien Febvre's biographical writing: ceci n'est pas une biographie?

Thaís França Guimarães

RESUMO

Este artigo analisa três obras do historiador Lucien Febvre, discutindo os paradoxos em torno de sua recusa do gênero biográfico. Apesar de negar reiteradamente a filiação ao campo, seus livros evidenciam interesse por sujeitos históricos, suas ideias, emoções e contextos, mobilizando recursos próprios da escrita biográfica. A rejeição de Febvre deve ser compreendida no interior do debate historiográfico francês da primeira metade do século XX, marcado pelo desprestígio da biografia e por sua associação a uma história romanceada e política. Entretanto, a contradição entre discurso e prática revela o quanto sua obra se aproxima das potencialidades do gênero biográfico. Investigo precisamente a presença dessas características, partindo da hipótese de que Febvre, ao negar, ainda assim produziu biografias – e biografias modernas.

PALAVRAS-CHAVE: gênero biográfico; biografia moderna; Lucien Febvre.

ABSTRACT

This article examines three works by historian Lucien Febvre, focusing on the paradoxes surrounding his refusal of the biographical genre. Although he repeatedly denied any affiliation with it, his books reveal a strong interest in historical figures—their ideas, emotions, and contexts—while employing resources characteristic of biographical writing. Febvre's rejection must be understood within the broader framework of French historiographical debates in the first half of the twentieth century, marked by the discredit of biography and its association with romanticized and political history. Yet the contradiction between discourse and practice shows how closely his work approaches the potentialities of the biographical genre. My research investigates precisely the presence of these features, advancing the hypothesis that Febvre, despite his denial, in fact produced biographies—and modern ones.

KEYWORDS: biographical genre; modern biography; Lucien Febvre.



¹ Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em continuidade às reflexões iniciadas durante o mestrado no mesmo programa. Uma versão preliminar e bastante resumida desse material foi apresentada no Seminário Tessituras do Biográfico, organizado pelo Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho, na Uerj.



Figura 1. Mural Lucien Febvre em Saint-Amour/França.²

Este artigo tem como foco as obras *Martin Luther: un destin*; *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de Rabelais*; *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane*, do historiador Lucien Febvre e os paradoxos em torno da recusa do gênero biográfico em sua produção.³ Os trabalhos têm em comum o interesse por sujeitos históricos, suas ideias, emoções e contextos. No entanto, em todas elas, Febvre nega estar escrevendo uma biografia.

No prólogo à primeira edição de *Martin Luther*, datado de agosto de 1927, Febvre apresenta sua obra com a afirmação de que o texto contido ali não é biográfico. Na primeira linha, escreve: “uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais”.⁴ No segundo parágrafo, acrescenta que seu objetivo é

*traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva; mostrar de que maneira, sob a pressão de que circunstâncias, seu impulso inicial teve de esmorecer, e seu traçado original, inflectir-se; colocar assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história: tal foi nosso intuito.*⁵

Nos prólogos das edições de 1944 e 1951, afirma que “não encontrou nada no livro que pudesse ser alterado”⁶ e que “confiante, entregaria o livro,

² Sobre o coletivo Haut-les-murs e imagens do mural de Lucien Febvre, ver GUIMARÃES, Thaís França. *Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre*. Dissertação (Mestrado em História) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2020, p. 91, e <http://www.trompe-l-oeil.info/Murspeints/details.php?image_id=47980>.

³ Salvo indicação em contrário, todas as traduções de trechos em língua estrangeira são de minha autoria.

⁴ FEBVRE, Lucien. *Martin Luther: un destin*. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, p. 8.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 8.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 10.

uma vez mais, aos leitores e críticos”.⁷ Em cartas trocadas com Marc Bloch, enfatiza que as vendas estavam ótimas e que o livro era um sucesso.⁸

Em *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de Rabelais*, Lucien Febvre adverte que “o título deste livro não desorienta, portanto, o leitor. [...] A presente obra não é, em outros termos, uma monografia rabelaisiana. É em intenção e em sua ambiciosa modéstia, um ensaio sobre o sentido e o espírito de nosso século XVI”.⁹ Afirma que por maior que fosse Rabelais, ele não teria escrito a monografia de um homem; orienta que o seu trabalho é a investigação de um método ou, mais precisamente, o exame crítico de um complexo de problemas, históricos, psicológicos e metodológicos. Para ele, esse foi o trabalho que valeu o esforço de dez anos de dedicação.¹⁰ Destaca que seu exercício difere de “mais um” trabalho, tal qual faziam os “exegetas da Renascença e que se copiam uns aos outros”. Nesse sentido, reitera: “precisamente, eu desejaria não copiar meus antecessores. Não por gosto gratuito pelo paradoxal e pelo novo: porque sou historiador, simplesmente, e o historiador não é aquele que sabe. É aquele que procura. E, portanto, se repõe em discussão as soluções estabelecidas, que revisa, quando é preciso, os velhos processos”.¹¹

Em *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane*, reforça que a obra não é e não quer ser um estudo geral sobre Margarida, nem uma monografia na forma de seus sentimentos religiosos. Sua proposta foi resolver – na medida do possível – um duplo enigma: psicológico e moral ao mesmo tempo.¹²

Todas as obras têm em comum a recusa ao gênero biográfico e a declaração do objetivo que é compreender e fazer compreender, expressão que sintetiza a concepção de história do autor como um exercício crítico e ético. Em suas palavras, “compreender é complicar. É enriquecer em profundidade. É ampliar gradualmente. É unir a vida”.¹³ No trabalho sobre Lutero, destaca que “é preciso acrescentar que, ao escrever este livro, tivemos uma única intenção: compreender e, na medida do possível, dar a compreender”.¹⁴ Em Rabelais, enfatiza: “este livro [...] decido-me publicá-lo [...] como uma afirmação dessa vontade de compreender e de fazer compreender pela qual gosto de definir a função da história, a tarefa fecunda do historiador”.¹⁵ Em *Autour de l'Heptaméron*, afirma: “eu gostaria, mais uma vez, de compreender e fazer compreender. Compreender, reunir, retomar, reconstituir, *comprendre*”.¹⁶ Assim, o gesto de compreender, que atravessa as três biografias, converte-se no eixo de uma reflexão sobre o próprio ofício do historiador: compreender é refazer, reconstituir e religar os fragmentos da vida, assumindo o passado não

⁷ *Idem, ibidem*, p. 14.

⁸ Ver BLOCH, Marc et FEBVRE, Lucien. *Correspondence: la naissance des Annales (1928-1933)*. Paris: Fayard, 1994, p. 26.

⁹ FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel, 1942, p. 28.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 35.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 28.

¹² FEBVRE, Lucien. *Autour de l'Heptaméron: amour sacré, amour profane*. 4. ed. Paris: Gallimard, 1944, p. 13.

¹³ *Idem, Combats pour l'histoire*. Paris: Librairie Armand Colin, 1992, p. 96.

¹⁴ *Idem, Martin Luther, op. cit.*, p. 12.

¹⁵ *Idem, Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle, op. cit.*, p. 36.

¹⁶ *Idem, Autour de l'Heptaméron, op. cit.*, p. 7.

como algo dado, mas como algo a ser reconstruído pela inteligência e pela sensibilidade histórica.

O pai dos *Annales* hostilizava a maneira tradicional de se escrever biografias, pela qual os autores acreditavam que dar a última palavra acerca dos biografados, emitindo um juízo “quer a seu favor, quer contra ele” era o método amplamente utilizado. Por seu turno, ao procurar compreender e, na medida do possível, dar a compreender, construiu as suas obras biográficas. Por meio de suas escolhas metodológicas e críticas, percebo que as decisões febvreanas evidenciam uma avaliação biográfica profundamente marcada por sua concepção de história e pelas condições culturais e intelectuais que o cercavam.¹⁷

Lucien Febvre, ao negar que estivesse escrevendo uma biografia, inicia os livros utilizando-se do que Gérard Genette chama de “evasiva elegante”, ou seja, preterição que consiste na arte de escrever um prefácio explicando o que não fará.¹⁸ Ao orientar a leitura, o autor adverte que seus livros sejam lidos não como uma biografia; ao contrário, ele tenciona ser lido como uma opinião e destaca que as obras seriam “um pequeno ensaio”, “apenas vulgarização, sem nada de propriamente original”, “investigação de um método”, “resolução de duplo enigma: moral e psicológico” e “reflexão”. Assim, utiliza-se da retórica da modéstia, visando prevenir críticas, neutralizá-las ou mesmo impedi-las.

Sabe-se que o destinatário do prefácio original é o leitor do texto e suas funções são mostrar “eis por que e eis como você deve ler este livro”.¹⁹ O prefácio visa orientar a leitura e colocar o leitor de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura e a maneira pela qual quer ser lido. Para tanto, essa parte do livro pode informar sobre a origem da obra, as circunstâncias da redação e as etapas de sua gênese. A função mais importante do prefácio original consiste em uma interpretação do texto pelo autor ou uma declaração de intenção. Ao impor ao leitor uma chave interpretativa, constitui um dos instrumentos do controle autoral.²⁰ Para Genette, o objetivo é reter o leitor por um processo tipicamente retórico de persuasão que, na retórica latina, chamava *captatio benevolentiae*, e se trata de valorizar o texto sem indispor o leitor com uma valorização imodesta demais, ou apenas visível demais, de seu autor, ou seja, valorizar o texto sem (parecer) valorizar seu autor. Um dos principais artifícios para a valorização do texto é a exposição da importância do tema, que geralmente vem acompanhada por uma insistência em sua originalidade ou novidade.²¹

François Dosse salienta que o biógrafo, mais que em qualquer outro gênero, deve já no início da obra justificar sua escolha e explicitar ao leitor em que essa vida vale a digressão. Ao expor as motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado e retratar-lhe a carreira, revelando seus objetivos, fontes e método, elabora uma espécie de contrato de leitura com o leitor. A prática de expor intenções é clássica, contudo, no gênero biográfico

¹⁷ Cf. GUIMARÃES, Thaís França, *op. cit.*, p. 170.

¹⁸ Ver GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê, 2009, p. 207.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 119.

²⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 170-177.

²¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 176-179.

assume uma importância singular que a transforma em um rito quase obrigatório. O biógrafo sente a necessidade de se explicar junto aos leitores, de antecipar o que irão descobrir em termos de novas questões e aberturas de arquivos inéditos. Alguns *topoi* são recorrentes entre as exposições de motivos dos biógrafos de personagens históricos, que podem definir seu empreendimento como uma desmistificação da lenda, em nome da verdade histórica ou também podem reduzir o biografado a um pretexto para resgatar um momento, um contexto, uma época.²²

O exercício que consiste em explicitar os motivos pessoais e a relação subjetiva com o tema de pesquisa é de uso corrente entre os historiadores profissionais e pode ser também que o ensejo seja, para o autor, de se situar frente ao próprio gênero biográfico que durante muito tempo foi objeto de um verdadeiro tabu no círculo dos historiadores eruditos.²³ Considero as justificativas que Febvre apresenta nos prólogos como uma tentativa de desvincular o seu trabalho da alcunha biográfica, esta que ainda não gozava de prestígio. No entanto, suas escolhas para essa empreitada configuram-se como características da escrita do gênero biográfico a julgar que o autor segue os principais ritos concernentes ao fazer do biógrafo. Dessa forma, a negação inicial de Febvre pode ser lida menos como um afastamento real do gênero e mais como uma estratégia de posicionamento intelectual, por meio da qual o historiador reivindica uma forma de biografia crítica, capaz de conciliar erudição, método e sensibilidade histórica. Assim, o gesto de negar o rótulo biográfico não o impede de participar de sua renovação: Febvre acaba, paradoxalmente, por reinscrever-se na tradição que pretende superar, transformando-a a partir de dentro e conferindo-lhe novos sentidos no âmbito da história das mentalidades.

Nas últimas décadas assistimos à morte da entidade “autor” como “detentor do sentido” do texto que escreve. Embora seja o produtor do texto, hoje em dia ele não controla mais os sentidos que sua produção pode suscitar, não é mais considerado o “dono” do sentido do texto, e nesse emaranhado em que o texto não diz tudo, nem seu autor é dono de um sentido para ele, o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura.²⁴ Os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos. Esse leitor é o principal elemento da estética da recepção.

A expressão estética da recepção relaciona-se de modo mais específico às ideias formuladas por Hans Robert Jauss, o mais importante representante das teorias orientadas para o aspecto recepcional. Sua proposta articula tanto a recepção atual do texto quanto sua recepção ao longo da história. Jauss rei-

²² Ver DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 95-100.

²³ Cf. *idem, ibidem*, p. 102.

²⁴ Cf. ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da recepção. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagem histórica e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 153.

vindica que se tome como princípio historiográfico da literatura o modo como as obras foram lidas e avaliadas por seus diferentes públicos na história.²⁵

Conforme Jauss, “o valor estético de um texto é medido pela recepção inicial do público, que o compara com outras obras já lidas, percebe-lhe as singularidades e adquire novo parâmetro para avaliação de obras futuras”.²⁶ A recepção inicial das obras, perceptível nas primeiras resenhas e nos comentários de amigos próximos de Febvre, revela uma combinação de elogios e manifestações de apreço, frequentemente acompanhadas da reafirmação de sua própria máxima de que se tratava de algo distinto de uma biografia convencional. Para Jauss, a própria consciência que interpreta um texto (leitor, público, críticos) está envolvida num processo histórico que afeta o modo como esse texto é lido; entretanto, quando um intérprete do presente tenta responder à pergunta para a qual o texto seria uma resposta, a sua compreensão já representa um processo de incorporação das outras interpretações feitas durante o processo histórico de recepção do texto. Contudo, explica o autor, às vezes o valor de uma obra não é percebido no momento de sua recepção inicial, já que a distância estética entre horizonte de expectativa da obra e do público é muito grande, o que pode gerar um longo processo de recepção para que a obra venha a ser compreendida.²⁷

Apesar de negar que os livros sejam biografias, todas as obras apresentam características do gênero, o que contradiz a própria afirmação do autor. Essa ambiguidade entre prática e discurso me interessou, e uma das questões centrais é compreender por que Febvre negligencia o fato de que, em tais obras, há efetivamente uma produção biográfica. O que está por trás dessa negativa, uma vez que os textos empregam justamente os recursos e as intenções centrais do gênero biográfico? Essa contradição revela muito sobre o lugar da biografia na historiografia francesa da primeira metade do século XX, bem como sobre os limites e as possibilidades da escrita de vidas em diálogo com as ciências humanas. Trabalho, portanto, com a hipótese de que os objetivos de seu projeto, por si só, constituem-se em propósitos de ordem biográfica, na medida em que comportam as principais características do gênero no campo historiográfico e podem ser lidos como parte do movimento mais amplo das biografias modernas.²⁸

O ambiente intelectual de Febvre: biografia e *Annales*

É importante situar Lucien Febvre no contexto intelectual em que atuava. Como um dos fundadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, criada em 1929, como uma reação à história tradicional, centrada na política, nos fatos e na narrativa dos “grandes homens”, Febvre rejeitava a biografia tal como era concebida na época na França: vista como uma forma inferior de história, que era anedótica, literária e pouco científica. Contudo, não abandonava o interesse pelos sujeitos históricos; ao contrário, analisava-os como pro-

²⁵ Cf. *idem, ibidem*, p. 155.

²⁶ JAUSS, Hans Robert *apud idem, ibidem*, p. 158.

²⁷ Cf. *idem*, p. 160 e 161.

²⁸ Ver GUIMARÃES, Thais França, *op. cit.*, p. 120.

ditos de seu meio, articulando de forma integrada o indivíduo e a sociedade. Para ele, a história deveria ser compreendida como uma ciência social total, dedicada a captar a complexidade dos fenômenos humanos em seus contextos sociais, culturais e mentais.

Quanto ao contexto francês de produção de biografias, François Dosse destaca que, ao longo do século XIX e início do XX, o gênero biográfico se sai melhor no discurso escolar e nas publicações ditas populares. Acrescenta que, nesse período, a biografia sofre um demorado eclipse, haja vista que “o mergulho da história nas águas das ciências sociais” contribuiu para o seu “desaparecimento em proveito das lógicas massificantes quantificáveis”; a biografia torna-se, então, “refúgio da história e do relato anedótico cuja ambição é encantar e distrair”.²⁹ Tal contato entre os sociólogos e a história terá por efeito reforçar ainda mais o desdém à biografia.³⁰ Até 1985 Dosse encontra autores franceses se “negando [...] ceder ao canto das sereias de um gênero ainda desprezado”³¹e, tal como Febvre, classificando sua empreitada biográfica sob a luz de outros termos. O autor salienta que até meados dos anos 1980 o distanciamento dos historiadores eruditos com respeito ao gênero biográfico era explícito.³² Henri Berr, por exemplo, ao definir a escrita de Febvre como “biografia psicológica”, o fazia para evidenciar que o trabalho de seu amigo não era um romance, pois era baseado em um conhecimento mais rico e confiável que excedia a maioria dessas histórias singularmente perigosas que muitas vezes não passavam de falsificação.³³

A recusa como estratégia

A recusa à biografia tradicional decorre do entendimento de que ela apresentava uma narrativa limitada, centrada no indivíduo isolado e frequentemente descontextualizado. A proposta de Febvre e dos *Annales* era justamente romper com o modelo individualizante, privilegiando uma história mais ampla. Para eles, compreender o passado exigia ir além das vidas isoladas e enfatizar as forças sociais, econômicas e culturais que atuam em longo prazo, rejeitando a história factual, linear e a exaltação de personagens típicas da biografia tradicional.

Henri Berr, ao resenhar a obra *Martin Luther: un destin*, em 1929, afirmou que naqueles tempos, na França, a biografia estava “muito na moda”, existindo vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres.³⁴ E, quando Febvre escreveu a obra sobre Lutero, os primeiros a receberem exemplares foram os amigos pesquisadores, e as resenhas dizem que o livro não se tratava de uma biografia – somente após a morte do autor a obra passou a ser tratada sob tal classificação.



²⁹ DOSSE, François, *op. cit.*, p. 181.

³⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 195.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 118 e 119.

³² Ver *idem, ibidem*, p. 103.

³³ Ver BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther, de Lucien Febvre. *Revue de Synthèse Historique*, n. 22, Paris, 1929, p. 10.

³⁴ Ver *idem, ibidem*, p. 10.

Acredito que essa rejeição ainda em voga nos períodos em que Lucien Febvre escreveu os livros contribuiu para que ele mantivesse a sua postura em não ceder às classificações biográficas. Também a negativa de que os trabalhos se situem nesse segmento já mostra a recepção que as biografias, em sua relação com a história romanceada, tinham na França naqueles anos. Entendo que a manutenção de suas ideias está relacionada ao desprestígio que o gênero portava e com sua associação a uma história romanceada, política, com fortes influências da história que Febvre ficaria consagrado a combater; logo, a sua concepção similarmente ajudava a cristalizar as suas opiniões.

Ao negar que os seus livros sejam biografias, ele se protege da crítica histórica da época, mantendo-se fiel aos preceitos dos *Annales*, mas abre espaço para experimentações com a forma. Essa recusa não é um erro ou contradição; ela pode ser lida como um gesto consciente, que nos obriga a repensar o que é uma biografia em contextos historiográficos específicos. Ao negar o gênero, ele criava espaço para uma outra forma de escrita de vidas: mais crítica, mais interpretativa, mas ancorada nas estruturas sociais e nas mentalidades coletivas.

Biografia moderna

No período posterior à Primeira Guerra Mundial, os historiadores ligados à escola metódica mantiveram a convicção de que o conflito não havia abalado a articulação entre a função cognitiva da história e sua dimensão cívico-nacional. Para Lucien Febvre, contudo, a guerra exigia um exame de consciência por parte dos historiadores e evidenciava a própria crise da disciplina. Esse momento o levou a reconhecer tanto a sua responsabilidade como cientista quanto a necessidade de organizar um projeto de transformação historiográfica. O clima intelectual da França do pós-guerra era marcado por um sentimento de crise: incerteza, instabilidade e falência da ciência se misturavam ao esforço de reconstrução nacional, à redefinição do papel internacional do país e à tentativa de instaurar uma nova normalidade. Como observa Yamashita, o conflito representou um divisor de águas para a historiografia: enquanto os metódicos se empenhavam em reafirmar suas bases e espaços de atuação, Febvre e Bloch encontraram nesse contexto as brechas para lançar sua própria iniciativa.³⁵

Foi na Universidade de Estrasburgo, na França, em 1920, onde aconteceu o primeiro encontro de Marc Bloch e Lucien Febvre. Também nesse ambiente, deram início ao projeto da revista dos *Annales*, instituição que funcionaria ao longo da década de 1920 como uma espécie de microcosmo da historiografia francesa, entre continuidades e renovações.³⁶ Tal abundância e positividade na atmosfera estrasburguesa durariam até metade da década de 1920, quando, a partir de então, os recursos começaram a escassear, o que levou os jovens professores a partirem para Paris em busca de cargos nas grandes universidades. Febvre, por exemplo, em 1923 já mostrava uma mudança de pen-

³⁵ Ver YAMASHITA, Jougi Guimarães. *As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade*. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2016, p. 95.

³⁶ Cf. *idem, ibidem*, p. 93-95.

samento e mirava a cidade-luz como horizonte.³⁷ Tomando como exemplo a cidade em que Lucien Febvre atuou como historiador, pode-se dizer que, desde o final do século XVIII e ao longo do século XIX, Paris se constituiu como singular espaço de encontro entre as forças modernizadoras e as tradições estabelecidas do Antigo Regime. Nesse sentido, a capital francesa se configurou como um espaço de tensões e disputas entre tendências, valores e culturas muitas vezes diametralmente opostas. O final do século XIX foi acompanhado de uma espécie de confusão na vida artística e literária parisiense, expressa principalmente pelo acirrado embate entre tradição e vanguarda.³⁸

A atual fase da minha pesquisa em andamento no doutorado dedica-se a investigar em que medida as três obras estudadas comportam as características próprias da biografia moderna. No cenário europeu, o debate sobre a existência de uma biografia moderna ganhou corpo no momento imediato ao fim da Primeira Guerra Mundial. Na Inglaterra, em 1918, houve uma forte reação contra a biografia vitoriana – clássica, hagiográfica, acrítica –, o que levou ao surgimento do que passou a ser chamado de biografia moderna. Os grandes nomes no fazer biográfico desse período na Inglaterra foram Lytton Strachey (1880-1932), Harold Nicolson (1886-1968) e Virginia Woolf (1882-1941); na França foi André Maurois (1885-1967).

Strachey foi apresentado como o criador da biografia moderna na Inglaterra e Maurois o profeta, intérprete e divulgador dos ensinamentos deste mestre na França. Esses biógrafos modernos romperam com a cronologia rígida e com a exaltação dos personagens. Adotaram uma escrita híbrida, ensaística, refinada e psicologicamente densa. Esse tipo biográfico passou a explorar contradições internas, fragmentar os relatos, cruzar história e ficção com liberdade. Conforme Maurois, os biógrafos modernos retratavam seus biografados evitando julgamentos morais, e, entre os seus aspectos marcantes, destaca-se, primeiramente, “a corajosa busca pela verdade”.³⁹ Uma das características dessas biografias seria a adequação desses textos àquilo que os leitores da época procuravam encontrar em narrativas sobre vidas alheias. A biografia funcionaria, então, como instrumento para compreender e, em certa medida, julgar as ações dos indivíduos na história.⁴⁰

As três obras aqui referidas de Febvre apresentam elementos que me permitem situá-las na tradição da biografia moderna tal como pensada pelos mestres ingleses e franceses. São textos marcados pelo entrelaçamento entre história, psicologia e literatura. Logo, a minha hipótese é que Febvre escreve biografias e são biografias modernas.

A formação do sentido das palavras “moderno”, “modernidade”, e “modernismo” está estritamente relacionada com as mudanças na Europa na virada do século XIX para o século XX.⁴¹ O próprio Lucien Febvre informa que

³⁷ Cf. *idem, ibidem*, p. 106 e 107.

³⁸ Cf. HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. Paris e a Terceira República: as tendências literárias e culturais na configuração de uma nova conjuntura histórica. *Contraponto*, v. 9, Teresina, 2020. Disponível em <<https://comunicata.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/12574>>. Acesso em 11 fev. 2023.

³⁹ MAUROIS, André. *Aspects of biography*. New York: D. Appleton & Company, 1929, p. 30 e 11.

⁴⁰ Cf. GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 161.

⁴¹ Cf. MARAZÃO, Karine de Fátima. *Modernismos em perspectiva: apropriações e ressignificações presentes em revisitas modernistas de Portugal e Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) –

a virada desse século, em Paris, foram anos agitados de “lutas e crises – políticas, morais, estéticas. Tudo ao mesmo tempo”. Nesse ínterim, as pessoas procuravam “outros olhos, outras orelhas, uma nova maneira de sentir o mundo”.⁴² Segundo ele, autores modernos estavam na biblioteca dos seus pais, o que seria um sinal de aceitação.⁴³

Aos dezesseis anos, o jovem Febvre estava em vésperas de alcançar Paris, vindo de sua cidade natal, Nancy. Nesse sentido, evoca tudo o que leu, viu e escutou desde aquela idade, o que contribuiu para as sucessivas transformações “de um espírito duas ou três vezes modificado, até o âmago, por revoluções de arte e de literatura”.⁴⁴ Ao contextualizar o seu gosto pela literatura, música e arte, bem como de seus contemporâneos, os homens letrados nascidos entre 1875 e 1880, Febvre salienta que eles liam Michelet, Flaubert, Renan, Vigny, Leconte de Lisle, Vanier, de Calmon ou Charpentier, Jérôme Coignard, romances ideológicos de Barrès, Verlaine, Ernest La Jeunesse, Goncourt, Huysmans, Maupassant, Daudet e Zola.⁴⁵ Na música, esses compatriotas contemporâneos escutavam Beethoven, Schumann, Berlioz. Na pintura e escultura, amavam o monumento de Auguste Rodin, erguido na cidade de Nancy, em homenagem ao pintor francês do século XVII Claude Lorrain. Apesar da curiosidade dos jovens de dezesseis anos, nem Febvre nem nenhum do seu grupo tinha visto Manet, Monet e Renoir. Contemplavam Figaro-Salon, de Albert Wolf, Bonnat, Benjamin Constant, Jean-Paul Laurend, Besnard. Conforme Febvre, nesses anos febris, os homens da sua idade estavam prontos a acolher Proust, Valéry, Wagner, Debussy, Ravel, Strawinsky, Florent Schmitt. Além do mais, era preciso ajustar, eliminar e ver as coisas antigas com olhos novos. Era preciso, conforme o autor, restabelecer laços desfeitos, recriar uma ordem necessária, ajustar principalmente o *décor* de suas vidas. Imbuído de tais recordações que são evocadas quando já é um senhor cinquentenário, Febvre ressalta que não são apenas as conquistas da ciência que conduzem ao que considerou como as verdadeiras “mutações” do intelecto humano, pois haveria que se considerar que as revoluções da arte também trouxeram mudanças fundamentais, haja vista o seu poder de iluminar o escuro.⁴⁶

Ao analisar os nomes citados, percebe-se que dos trinta e seis, a maior parte são de origem francesa e uma pequena parcela é de origem alemã. Observa-se também o fato de que quase todos os citados possuem alguma relação com o romantismo francês e o modernismo. Pode-se presumir, a partir dessas referências de Febvre e de seus contemporâneos, que o autor, tal como afirmou em relação à biblioteca de seus pais, também possuía certa inclinação por autores modernos e românticos. Entende-se que essa predileção pode ter impactado nos caminhos da escrita de suas biografias.

Ao analisar as diferenças e aproximações entre biografia histórica e moderna, o historiador Luis Viana Filho destaca que a biografia histórica teria

Universidade do Porto, Porto, 2018, p. 10. Disponível em <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/74719?mode=full>>. Acesso em 14 jan. 2023.

⁴² FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire, op. cit.*, p. 53.

⁴³ Ver *idem, ibidem*, p. 51.

⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 51.

⁴⁵ Ver *idem*.

⁴⁶ Ver *idem, ibidem*, p. 51-58.



seus objetivos limitados ao traçado do perfil histórico de uma individualidade, enquanto a biografia moderna teria horizontes mais largos e procuraria figurar o biografado como um todo, tentando estudar e expor o máximo de características de uma personalidade.⁴⁷

Jacques Revel evidencia que podemos compreender certos tipos de biografias históricas como tentativas para se conformar aos requisitos da história social, dentre elas, destaca-se a biografia reconstruída em contexto. O autor classifica a história das mentalidades, tal como concebida e praticada por Febvre ao se ater a Lutero, Rabelais e Margarida de Navarra, como um primeiro caso dessa representação, pois suas biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma, elas consistem em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir.⁴⁸ Uma das inovações marcantes na escrita febvreanas foi a análise psicológica de seu biografado. O autor utiliza a psicologia para descrever o personagem, enfatizando os traços temperamentais. Revel considera essa abordagem como parte da renovação das fontes e do repertório da escrita biográfica do século XX, impulsionada pela “evolução da escrita biográfica”.

Roger Chartier destaca que em uma tradição de utilizar o gênero da biografia para discutir um problema, Lucien Febvre, salvo sua tese, escreveu somente biografias – não como aquelas da editora Fayard – mas sim sobre Lutero, Bonaventure des Periers⁴⁹, Rabelais e Margarida de Navarra.⁵⁰ Quando afirma que as biografias febvreanas não são como as da Fayard, acredita-se que ele esteja se referindo à diferença entre o enfoque tradicional e comercial das biografias populares e a abordagem inovadora e crítica de Febvre. As biografias publicadas pela Fayard, uma renomada editora francesa fundada em 1857, eram tipicamente mais comerciais, voltadas para o grande público e seguiam um formato convencional, muitas vezes focando na narrativa da vida de figuras históricas sem uma análise profunda ou reflexão crítica sobre o que estava sendo escrito. Assim, ao destacar essa diferença, Chartier aponta que Febvre usava a biografia de maneira mais sofisticada e crítica, ao contrário do padrão mais tradicional e menos analítico das biografias da Fayard.⁵¹

⁴⁷ Ver VIANA FILHO, Luis *apud* GONÇALVES, Márcia de Almeida, *op. cit.*, p. 189.

⁴⁸ Ver REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p. 243 e 244.

⁴⁹ Optei por não incluir essa obra na análise uma vez que o ano de publicação é o mesmo ano de publicação da obra sobre Rabelais, 1942. Sendo assim, acredito que o autor possa ter utilizado os mesmos critérios de escrita em ambos os livros; dessa forma, escolhi analisar somente o livro *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais* por conta de sua vasta recepção e por ser um dos mais conhecidos de Lucien Febvre.

⁵⁰ Ver CHARTIER, Roger. In: SALOMON, Marlon e CAMPOS, Raquel. Do mundo como representação à multiplicidade das formas de representação do passado: uma conversa com Roger Chartier. *História da Historiografia*, v. 22, Mariana, 2006.

⁵¹ De acordo com informações em seu site, “a Editora Fayard, também conhecida como Librairie Arthème Fayard, é uma das editoras mais antigas e prestigiadas da França. Fundada em 1857 por Joseph-François Arthème Fayard, a editora começou como uma livraria e rapidamente se estabeleceu como uma importante casa publicadora em Paris. Inicialmente, a Fayard focava em literatura popular, publicando obras acessíveis ao grande público, incluindo romances, séries literárias e revistas. Ao longo do tempo ela se tornou conhecida por publicar uma ampla gama de gêneros, desde biografias e obras históricas até ficção e ensaios. Um dos principais elementos de seu sucesso foi a capacidade de adaptar sua produção às demandas do mercado, o que ajudou a garantir sua longevidade e relevância no cenário editorial francês. Na primeira metade do século XX, a Fayard começou a se especializar em biografias, que se tornaram uma parte

Uma nova forma da escrita de vidas

A análise das obras de Lucien Febvre revela o paradoxo central em sua produção: a rejeição veemente do rótulo biográfico em contraste com um interesse claro e evidente por sujeitos históricos, suas ideias, emoções e contextos, mobilizando, na prática, recursos próprios da escrita de vidas. Essa negação categórica deve ser compreendida no contexto da historiografia francesa da primeira metade do século XX. Como cofundador dos *Annales*, Febvre atuava em um ambiente onde a biografia estava desprestigiada, sendo associada a uma história anedótica, romanceada, política e de exaltação dos “grandes homens”. Para desvincular seu trabalho dessa história combatida, utilizou uma “evasiva elegante”, classificando seus escritos como trabalhos que não fossem meramente biográficos. Essa estratégia funcionou como um gesto consciente que visava prevenir críticas, neutralizá-las e, principalmente, reivindicar uma forma de biografia crítica que fosse compatível com os preceitos dos *Annales*.

A despeito da retórica dos prefácios, a intenção fundamental que atravessa as três obras é profundamente biográfica, embora redefinida como “compreender e fazer compreender”. Febvre via a história como um exercício crítico e ético, cuja função era “reconstituir e religar os fragmentos da vida”, evitando os julgamentos morais amplamente utilizados pelos biógrafos tradicionais.

As escolhas metodológicas evidenciam uma avaliação biográfica marcada por sua concepção de história e pelas condições culturais e intelectuais de seu tempo. A contradição entre discurso e prática sustenta a hipótese de que Febvre, ao negar o gênero, ainda assim produziu biografias – e biografias modernas. Seus trabalhos apresentam características alinhadas à tradição da biografia moderna que emergiu na Europa após a Primeira Guerra Mundial, como a ruptura com a cronologia rígida e a exaltação hagiográfica. Assim como os biógrafos modernos da época, o pai dos *Annales* adotou uma escrita híbrida, ensaística e psicologicamente densa, buscando a verdade e explorando as contradições internas dos sujeitos históricos. A análise psicológica de seus biografados e a reconstrução em contexto, interrogando o que tornou possível e pensável tal trajetória, situam a escrita febvreana no âmbito da renovação da escrita biográfica do século XX.

Portanto, a recusa de Febvre pode ser interpretada menos como um abandono do gênero e mais como um movimento de transformação interna. Ao negar o rótulo da biografia desacreditada, ele criou espaço para uma nova forma de escrita de vidas: mais crítica, mais interpretativa, e fundamentalmente ancorada nas estruturas sociais e nas mentalidades coletivas. Paradoxalmente, reinscreveu-se na tradição biográfica, transformando-a a partir de dentro e conferindo-lhe novos sentidos no âmbito da história das mentalidades. Essa ambiguidade entre a prática e o discurso revela não apenas o lugar complexo da biografia na historiografia francesa da época, mas também as amplas

significativa de seu catálogo. Essas biografias eram, em muitos casos, voltadas para o público em geral, muitas vezes seguindo um formato tradicional que priorizava a narrativa da vida das figuras históricas sem uma análise crítica profunda”. Disponível em <<https://www.fayard.fr/notre-histoire/>>. Acesso em 12 ago. 2024.

possibilidades que o gênero oferece ao dialogar de forma crítica com as ciências humanas. O gesto de negar foi, em última instância, o gesto que o permitiu inovar.

Artigo recebido em 13 de agosto de 2025. Aprovado em 2 de outubro de 2025.